

As margens de Lilian

O que espera por você, caro visitante, são imagens e objetos desprendidos de um percurso alegre e amoroso, fragmentos de uma aventura vivida nos últimos oito anos por Lilian Maus no Litoral Norte gaúcho, com base na cidade de Osório, onde ela mantém seu atelier.

Salta aos olhos o fôlego dessa nova série de trabalhos da artista. Saída de uma intensa imersão na região durante o verão de 2021, Lilian chega carregada de fragmentos sólidos – a alegria da matéria – testemunhos e imagens colhidas junto a moradores. Compõe sem se preocupar em formar estrutura, libertando um caleidoscópio de quimeras: um barco meio carreta, uma lagoa incendiada, fantasmas que respiram junto a estas paredes.

Você olharia sobre seu ombro agora?

Mistura pedaços de vida com partes de fábulas, fragmentos de paisagens e avistamentos; a noite e o dia de tempos distantes. Tudo oriundo de lá, do seu chão e das suas águas.

Configurações e formas acabadas pouco podem diante de uma paisagem toda feita de água.

Então, caro visitante, prepare-se para um mundo em pedacinhos, sacie-se com imagens vazantes que apenas tangenciarão seu corpo e se evadirão. Elas estão de passagem, é de sua natureza sempre ir e se volatilizar gratuitamente em espirais, oscilar com a firmeza dos juncos da Pinguela - e Lilian navegou por aquela lagoa, mansa na superfície, mas insaciável nas profundezas. Próximo à água, em figueiras nas quais escravizados se enforcaram, ainda tremulam restos de corda pendentes.

Você acredita em barbas-de-pau?

Nas areias brancas da Lagoa dos Barros são poucas, as figueiras. Em contrapartida, lá no meio, onde ninguém ousa navegar, uma cidade emerge em noites de luar para voltar a afogar-se antes do amanhecer. Algumas das aquarelas que você está prestes a apreciar nasceram em uma sexta-feira de lua cheia na margem daquela lagoa. Lilian estava lá, mas não entreviu, entre os juncos, o vestido branco da jovem que espiava um barco flamejante.

Você pode respirá-lo na sala ao lado. Você pode respirá-la.

Lilian Maus vem de um lugar assim, uma terra de vento forte e sambaquis eternos. Onde se vencem batalhas fazendo do barco, carreta, e do campo, oceano. Ela poderia nos contar muito mais histórias, seguir contando-as para além dessa exposição. Lilian está embriagada por elas, as derrama com as mãos em concha, as repete pelo mimeógrafo, as modela em pequenos arranjos com cheiro de vento.

Onde range o carro de boi, uma moça se levanta intacta após dias mergulhada entre raízes de juncos. E o luar banha uma quimera terrestre que navega em chamas.

E uma cidade se aquieta nas profundezas da lagoa.

E é tudo verdade.

Você submergiria comigo na próxima sala?

Maria Helena Bernardes, artista visual, escritora e professora de história da arte, 2021.